

o  
g  
i  
a  
r  
t  
i  
c  
o

revista alere

**FAUSTO E EUTANÁZIO:  
DISTANTES NO TEMPO E  
PRÓXIMOS NO CAOS DE SI**

*FAUSTO AND EUTANÁZIO:  
DISTANT IN TIME AND  
NEARBY IN THE CHAOS OF  
ITSELF*

**Sonia Maria Gomes Sampaio (UNIR)<sup>1</sup>  
Larissa Gotti Pissinatti (UNIR)<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Neste artigo pretendemos apresentar as aproximações entre as personagens Eutanázio, na obra *Chove nos campos de cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, e Mefistófeles, na obra *Fausto I*, de Johann Wolfgang von Goethe. Abordamos o apelo à descolonização na personagem Eutanázio, a iniciar da experiência da negação do ser, aproximando sua experiência com a

---

1 Doutora em Educação. Lotada no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em Porto Velho (RO/Brasil). E-mail: soniagogesampaio@gmail.com.

2 Doutora em Educação. Lotada no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em Porto Velho (RO/Brasil). E-mail: larissa.pissinatti@unir.br.

personagem Fausto de Goethe, no contexto de crítica à sociedade burguesa europeia. Para essa discussão, fundamentamo-nos no conceito sartreano sobre a experiência do nada e na teoria dos estudos pós-coloniais. A metodologia desse trabalho pautou-se nos estudos comparativos da literatura. Os resultados encaminham-nos para a compreensão de um processo de colonização que acontece a partir da desconstrução do ser do colonizado por parte do colonizador, tornando-o selvagem, violento e mefistotélico. No universo eutanaziano e, em Fausto, o contato com a carência/falta de si mesmo, promove a crise existencial desconstruindo o ser. A descolonização de Eutanázio ou desconstrução de si na personagem Fausto, inicia-se a partir do encontro do ser com o seu próprio nada, na figuração de seus medos, de suas carências/faltas, indicando o processo de consciência do poder opressor e de conflito existencial vivido pelas personagens Eutanázio e Fausto, denunciando práticas sociais opressoras.

Palavras-chave: Fausto; Eutanázio; literatura de expressão amazônica; carência/falta em si; medo.

**ABSTRACT:** In this article we propose to explore the approximation which exists between the characters Eutanázio, from Dalcídio Jurandir's in the book *Chove nos campos de Cachoeira* and Goethe's *Mefistofeles* from *Faust I*. We approach the appeal to decolonization in the character Euthanázio, from the experience of the denial of being, approaching his experience with the character of Faust by Goethe, in the context of criticism of European bourgeois society. For this discussion, we base ourselves on the sartrean concept of the experience of nothingness and on the theory of postcolonial studies. The methodology of this work was based on comparative studies in the literature. The results lead us to an understanding of a colonization process that takes place from the colonizer's deconstruction of the being of the colonized, making it wild, violent and Mephistotelian in the euthanasian universe and, in Faust, the contact with lack/lack of itself, it promotes the existential crisis by deconstructing the being. The Euthanázio decolonization or deconstruction of the self starts in Faust, from the encounter of the being with its own

nothingness, figuration of yours fears, its needs/lacks, indicating the process of awareness of the oppressive power and the existential conflict experienced by the characters Euthanázio and Fausto are denouncers of oppressive social practices.

Keywords: Fausto; Euthanázio; Amazonian expression literature; lack/lack of itself; fear.

## INTRODUÇÃO

O objetivo desse estudo é apresentar as aproximações nas experiências de carência/falta entre as personagens Eutanázio, na obra *Chove nos campos de cachoeira*, de Dalcídio Jurandir (JURANDIR, 2019) e Mefistófeles, na obra *Fausto I*, de Johann Wolfgang von Goethe (GOETHE, 2017). Abordamos o caráter descolonizador na personagem Eutanázio, de Dalcídio, e Fausto, de Goethe, no contexto da crítica à burguesia europeia.

Na primeira parte do artigo, fazemos a contextualização da obra *Chove nos campos de cachoeira* e da personagem Eutanázio e também da obra *Fausto II*, de Goethe. Na segunda parte, aprofundamos os argumentos de Jean Paul Sartre sobre a experiência do nada como possibilidade de encontro com sua própria identidade. Na terceira parte, fazemos a aproximação entre as personagens Eutanázio e Mefistófeles apresentando as evidências da experiência do nada como possibilidade de descobrir a si mesmo e enfrentar seus medos.

Johann Wolfgang von Goethe (1749–1832), romancista alemão, natural de Frankfurt, tem dentre suas obras memoráveis *Fausto*, escrita durante setenta anos de sua vida.

Goethe, durante sua infância, teve contato com o teatro de marionetes, e foi nesse momento que conheceu a personagem Dr. Fausto. Segundo Mazzari (2017), a criação poética Fausto pode ser designada como “obra de vida” de Goethe.

Mazzari (2017) afirma que a personagem que inspira Goethe advém da tradição oral em torno de uma lenda de um homem, denominado Dr. Fausto (1470–1540). Reza a lenda, que Dr.

Fausto teria existido, era médico na cidade de Wittenberg, interior da Alemanha. Na busca de um saber universal conquistou várias titulações e transitava pela Europa, oferecendo serviços de magia e astrologia. Conforme documentos da época, Dr. Fausto possuía elevada posição social e recebia quantias significativas dos nobres por leituras de horóscopos.

Segundo Villa (2006), as atitudes altruístas de Dr. Fausto e sua relação com a medicina, a magia, a astrologia e outras áreas da ciência fazem-no ser reconhecido como “mago branco”; contudo, seu desejo obsessivo de conhecimento leva-o a realizar um pacto de sangue com o diabo.

Anteriormente a Goethe, o dramaturgo e poeta elizabetano Christopher Marlowe (1564-1593) escreve a peça *A trágica história do Dr. Fausto* (1604), inspirada em um dos primeiros escritos sobre essa figura lendária, intitulada *História von Doutor Johann Fausten*, escrita por Johann Spies (1540–1623), em 1587. No entanto, a ambiguidade da personagem é representada tanto em Goethe quanto na peça escrita por Marlowe.

A escolha da peça escrita por Goethe justifica-se, nessa análise, por apresentar elementos que permitem maior aproximação da personagem Eutanázio, na obra *Chove nos Campos de Cachoeira*, do romancista paraense Dalcídio Jurandir (1909–1979), com os estudos pós-coloniais.

A obra *Chove nos Campos de Cachoeira* faz parte de um conjunto de narrativas denominadas pelo próprio Jurandir como “Ciclo do extremo Norte”, a saber: *Chove nos Campos de cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1967), *Primeira Manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os Habitantes* (1976), *Chão de Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978).

As obras pertencentes a esse ciclo têm como referência a realidade sociopolítica e os valores culturais da região norte amazônica. A humildade do nativo colonizado e o poder do colonizador, na figura de major ou coronel, recebem um caráter ficcional nas narrativas. Da mesma forma, as relações de poder entre colonizado/colonizador são evidenciadas.

*Chove nos Campos de Cachoeira* tem sua primeira edição em 1941. Foi premiada em 1940, com o prêmio Dom Casmurro, tendo como júri romancistas de referência do Modernismo brasileiro — Oswald de Andrade, Raquel de Queiroz e Álvaro Moreira.

Os romances produzidos por Jurandir que compõem o “Ciclo do extremo norte” são produzidos em meio ao contexto da segunda fase do Modernismo. Segundo Bosi (2013, p. 354), por Modernismo “[...] entende-se algo mais que um conjunto de experiências de linguagem: se a literatura que se escreveu sob o seu signo representou também uma crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira [...]”.

O Modernismo, em especial sua segunda fase, inaugura uma reação da estética brasileira às produções europeias, voltando-se para elaboração com características da cultura e realidade sociopolítica nacional, assim como os valores regionais. Além disso, a psicologia freudiana, também difundida nessa época, impacta as produções no Modernismo, evidenciando elementos da psiquê humana na forma de conflitos existenciais, sentimentos, problemas cotidianos e ênfase na emoção das personagens.

O drama existencial, a realidade sociocultural e os valores da região de Marajó, no Pará, local onde se passa a ficção apresentada em *Chove nos Campos de Cachoeira*, são evidenciados na personagem Eutanázio.

Apesar da distância temporal e do contexto sociopolítico que divide as obras em questão, queremos aqui apresentar a proximidade das personagens Eutanázio e Mefistófeles. As personagens em questão são contextualizadas numa perspectiva crítica sobre as relações de dominação presentes nas sociedades retratadas nas obras, e a busca por si mesmo, em meio à dicotomia vivenciada a partir do caos existencial, experiencia a negação de si mesmo por meio, também, de suas formas mais primitivas — o medonho, o selvagem, o fóbico.

# 1. EUTANÁZIO: UMA PERSONAGEM MEFISTOTÉLICA

A personagem Eutanázio é filho do viúvo Major Alberto e mora em um chalé branco em Cachoeira (Pará). Marcado pela melancolia e um temperamento irritadiço, por volta de seus quarenta anos, tem a vida assinalada pelo acúmulo de fracassos pessoais.

Apesar de acesso ao conhecimento e de suas experiências com a vida intelectual, durante sua permanência na capital Belém, voltou para Marajó em Cachoeira e não se identificava com o caboclo ribeirinho que era explorado pela elite local que eram os grandes senhores de terra, fazendeiros, coronéis e políticos. Apresenta-se como um homem preso a seu destino, arruinado, falido, fóbico e desamparado, retratando, assim, um dos contextos em que vive o caboclo amazônico.

Eutanázio, principalmente no capítulo segundo, da obra *Chove nos Campos de cachoeira*, é uma personagem passível de ser comparada à personagem Mefistófeles em seu duelo com Fausto, na obra *Fausto I*, de Goethe, por apresentar semelhanças de caráter. Para melhor compreender essa relação, elencamos como elemento de análise, o caos existencial evidenciando a dualidade do ser humano, o bem (expresso na relação com o divino) e o mal (expresso na relação com o diabólico). Nessa manifestação da dualidade da personagem Eutanázio, encontramos um paradoxo existencial, retomado pela filosofia sartreana, tanto quanto em Fausto: ser e o não-ser.

As primeiras discussões sobre esse paradoxo existencial podem ser encontradas em Parmênides. Para o filósofo, o ser é o pensar e o não ser está relacionado aos sentidos, oposto ao exercício da razão, é o próprio nada, não existindo, não é possível também pensá-lo (REALE, 1990). Em *Fragmentos sobre a natureza*, o filósofo indica a razão como o dia e o nada como a noite. Essas figuras de oposição são como duas portas distintas, assim como suas chaves:

[...] É lá que estão as portas aos caminhos de Noite e Dia.

E as sustenta à parte uma verga e uma soleira de pedra,

E elas etéreas enchem-se de grandes batentes;

Destes Justiça de muitas penas tem chaves alterantes.

[...] Necessário é o dizer e pensar que (o) ente é; pois é ser,  
E nada não é; isto eu te mando considerar [...]

(PARMÊNIDES, 2005, p. 121-122).

Essa metáfora indica não somente a dualidade da existência, mas sua perspectiva política de dominação, corroborando com os princípios da colonização na modernidade, na personagem Eutanázio, bem como em Fausto quando critica a burguesia. Esse contexto, está relacionado ao exercício do pensar com o Ser, ou seja, aquele que é, pensa, e aquele que “não é”, não está nos padrões estabelecidos pelo poder político-social, de forma que esse não ser também não pensa, inexistente e pode ser envergado conforme padrões dominantes.

Essa concepção é manifestada, também, em Dussel (1993), para quem o ser, considerando a filosofia de Parmênides, é o útil, o centro, e o não ser é bárbaro, diferente e/ou distinto, é periférico.

No decorrer dos séculos, a filosofia mediterrânea é inserida na cristã, reforçando a concepção dualista utilizada nas conquistas marítimas: “eu sou” — “eu conquisto” — “eu domino”. O outro “não é”, portanto, “é conquistado e dominado” (DUSSEL, 1993); com isso, o outro é encoberto, desfigurado em sua humanidade, desconstruído, justificando as atrocidades no período colonial, assim como a escravização do homem.

A colonização, conforme Memmi (2007), inferioriza o colonizado, desvaloriza e aniquila sua cultura, sua língua, torna-o um ser dispensável e com isso, um ser de “carências” (MEMMI, 2007). A escassez apaga a presença do “eu”, petrificando seu protagonismo. O ser percebe-se na sombra. Contudo, o deslocamento do sujeito para esse espaço de carência, segundo Bhabha (1998), é a equação que promove um movimento de subversão do sujeito. Dessa forma, essa experiência de “não ser” / carência possibilita a retomada dos aspectos que o diferenciam, afirmando as fronteiras e contestando

o poder colonizador. Essa subversão, além da carência do ser, pode ser compreendida, na perspectiva sartreana, como a negação da realidade de si e do outro, em que o sujeito se reporta aos seus instintos mais primitivos, dentre eles o aspecto fóbico, o medo. Na crise de si mesmo, o ser tem a possibilidade de perceber seus medos e carências, superando-os, projetando-se para uma realidade de possibilidades.

Para Bornheim (2011), o contato com o “não ser” — denominado por Sartre como “nada” — é possível, pois o nada constitui a existência de algo: o próprio nada, contrapondo a possibilidade de inexistência ontológica do “não ser” em Parmênides. Pensar o que é negado ou a falta de algo é voltar às origens do ser, ou se quisermos, como afirma Bhabha (1998), é “traduzir-se a si mesmo”; afirmar o inexistente torna o existente presente com possibilidade de transformar-se do “não-ser que não é” para um “ser que é diferente”, superando seu universo de carência e invisibilidade, articulado por posturas culturalmente dominadoras. Essa noção relaciona-se à Bhabha (1998), quando afirma ser a “falta” o intervalo de deslocamento do ser, que permite uma atitude estrategicamente subversiva para perceber as diferenças que constituem o ser.

Conforme Bornheim (2011, p. 43), na concepção sartreana, o nada recebe um lugar no plano ontológico: “[...] o nada se manifesta no mundo através daquele ser que se pergunta sobre o nada do seu próprio ser [...]”, ao se perpetuar no nada e não mergulhar em sua própria nadificação o ser se subtrai ao determinismo e à causalidade da existência.

Assim, podemos aferir que mergulhar no nada e na carência é questionar e projetar novas formas de ser. Adentrar o nada é mergulhar em sua própria interioridade, tocar seus medos, ação que nem sempre é prazerosa pode ser uma luta angustiante, mas ao mesmo tempo libertadora de tudo o que o faz “não ser”, possibilitando a redescoberta “do ser que ainda não se é”. “[...] O homem é um ser que se despede constantemente do ser, a angústia o desenraíza do que é” (BORNHEIM, 2011, p. 47).

Essa angústia é marcada pela necessidade de conhecer algo,



o nada, surge, portanto, de uma interrogação, compreendida por Sartre como um processo de negação; toda interrogação é uma negação de algo que não existe em sua consciência, ainda não está dentro do ser, uma das formas de negação é o refúgio no fóbico. Assim, conforme Boëchat (2004), o nada é recuo do ser em relação a si e à realidade, por meio do qual pode interrogar o passado e o presente, desprendendo-se de si mesmo e podendo transformar e/ou ressignificar a sua realidade. O nada “pode modificar a relação com o ser” (SARTRE, 2015, p. 67).

## **2. FAUSTO E EUTANÁZIO: DO CAOS EXISTENCIAL À DENÚNCIA SOCIAL**

A experiência com o nada coloca o ser em contato com suas dores e perfeições, suas alegrias e tristezas, atitudes de coragem e recuos de medos, assim como o conduz para o espaço de suas ausências, a fim de se projetar para uma transformação e ampliação de seu próprio ser, como pode ser observado em uma das colocações de Fausto em diálogo com Mefistófeles:

Quero gozar o próprio Eu, a fundo,  
Com a alma lhe colher o vil e o mais perfeito,  
Juntar-lhe a dor e o bem-estar no peito,  
E, destarte, ao seu Ser ampliar meu próprio Ser,  
E, com ela, afinal também eu perecer.  
(GOETHE, 2017, p. 146).

O nada ou a carência/falta parte de um desejo e de uma necessidade de conhecer. Essa experiência pode ser aplicada nas experiências vividas tanto para a personagem Fausto como para Eutanázio:

O silêncio de exumação de Eutanázio. Quantas covas a abrir no seu passado. Uma infância doentia, infeliz. Certos desejos, certos sonhos, as inquietações obscuras da adolescência. Os primeiros desenganos ruins demais para a sua sensibilidade, ou melhor, para a sua irritabilidade. Mas enterrara tudo sem saber se estava morto ou não. Daí o seu silêncio de exumação. Obsessão

de rever as ossadas, os vestígios de certos sonhos, certos desejos que mal se completaram, como fetos, na sua mocidade solitária e inútil. (JURANDIR, 2019, p. 41).

Assim como Fausto em sua relação com Mefistófeles, Eutanázio também mergulha em seu “não ser”, em suas carências, encontrando também aspectos do “ser”. Nesse contexto, podemos considerar proximidades entre a personagem Eutanázio, de Dalcídio Jurandir, e Mefistófeles, de *Fausto I*. A angústia e a experiência dicotômica entre “ser e não ser” de Eutanázio aproxima-o da figura mefistotélica, podendo também ser comparada ao “nada” sartreano, conduzindo-o ao encontro descolonizador consigo mesmo e com o outro.

Eutanázio revela-se mergulhado no nada de si mesmo, em um processo de angústia em relação a si e ao outro. Isso pode ser observado na forma como é descrito em seu estado de morte e degradação:

[...] Eutanázio criara monstros que o devoravam, lentamente. Rompiam-se no seu silêncio dores fundas, pequenas dores, meias dores monótonas pingando das horas. Pequenos ódios, remorso de não odiar como devia, de não se maltratar como é preciso. Ter assim um desprezo de si mesmo [...]. (JURANDIR, 2019, p. 41).

O silêncio de Eutanázio em relação a sua história, dores e vivências de infância, expressa a negação de si e carência/falta nas relações, como uma interrogação existencial que se manifesta no desprezo pela vida e na rejeição de sua mãe:

E Eutanázio pensava que doença do mundo ele tinha era na alma. Vinha sofrendo desde menino. Desde menino? Quem sabe se sua mãe não o botou no mundo como se bota um excremento? Sim, um excremento [...] Não tinha grandes amores pela mãe [...] Morrera, e quando o caixão saiu, ele, sem uma lágrima, sentiu sede e foi fazer uma limonada [...] A gravidez fora uma prisão de ventre [...]. (JURANDIR, 2019, p. 31-32).

A negação e o caos também podem ser percebidos na obra *Fausto I*, na figura de Mefistófeles caracterizado como “um gênio que sempre nega” (GOETHE, 2017). A negação, tanto na personagem Eutanázio quanto na vivenciada por Fausto, é expressa como algo degradante, desumano, associada a morte e devastação do ser, remetendo-nos às ideias de Parmênides do “não ser”. Porém, a partir da perspectiva sartreana, podemos compreender essa negação como a nadificação do ser em um processo de recuo de si mesmo, de seu passado e presente, em que a negação é interrogação e ressignificação de si mesmo.

O distanciamento de si, por meio da negação, na perspectiva sartreana, pode ser relacionado a Dussel (1993), quando afirma ser a negação estratégia de dominação do poder colonizador. Dessa forma, quando nego o outro, o diferente passa a não existir e não significar e, com isso, o “eu-conquisto”, “eu-domino” faz-se presente. Assim, o sujeito, ao entrar em contato com seu nada e negar o que é, nega também o poder colonizador que o constitui como “não ser”. A opressão que afirma o “não ser” está presente e é negada tanto por Mefistófeles quanto por Eutanázio. A opressão e a negação de si mesmo podem ser observadas na fala de Mefisto:

Céus! prende-me ainda este antro vil?  
Maldito, abafador covil,  
Em que mesmo a celeste luz  
Por vidros foscos se introduz!  
Opresso pela livralhada,  
Que as traças roem, que cobre a poeira,  
Que se amontoa, embolorada,  
Do soalho à abóbada cimeira;  
Cercado de um resíduo imundo,  
De vidros, latas, de antiquilhas,  
Cheios de trastes e miuçalhas –  
Isto é teu mundo! Chama-se a isto um mundo!  
[...] Em vez da viva natureza,  
Em que criou Deus os mortais,  
De crânios cerca-te a impureza,  
De ossadas de homens e animais [...].  
(GOETHE, 2017, p. 61).

O passado oprime o conhecimento, que é considerado luz, abafando o covil de intenções dos poderosos na modernidade. Seu

ser é comparado ao diabólico, “[...] a figura do diabo já aparece sob o intrigante nome de “Mephostophiles”, em que alguns eruditos pretendem enxergar uma etimologia grega ou hebraica significando “aquele que não ama a luz” ou “destruidor do bem” [...] (MAZZARI, 2017, p. 10); seu mundo é cercado pelas malfetorias que não o deixam ser ele mesmo. Eutanázio também se sente oprimido e apresenta seu “não ser”:

Talvez no meio das ossadas algum esqueleto esteja contorcido denunciando um despertar cataléptico no fundo da cova fechada. Via contorções desesperadoras dentro do seu passado. Para que enterrara assim? Tudo foi entulhado pela náusea de si mesmo. Os sonhos vieram abaixo como paredões desabados. (JURANDIR, 2019, p. 41).

Ao negar a si mesmo, Eutanázio carrega o desejo de ser como aquele que o negou, um colonizador.

[...] Cresce em Belém com a ideia de ser general, um dia. Enverga uma sombria vocação para a chacina. A guerra é a sua fascinação. Gosta das pinturas de batalhas, morticínios e devastações. Saquear cidades, fuzilar, contar, com delícia, o número de mortos, ver os campos queimados e a metralha roncando de longe. Nos seus amuos e nas suas birras oculta planos de destruição, de combates, de castigos sem fim. (JURANDIR, 2019, p. 48).

Em Eutanázio percebemos a “ambivalência da identificação paranoica” (BHABHA, 1998), em que o colonizado alternando fantasia e perseguição deseja imitar o colonizador, tornando-se um deles, já que, ao contrário, sua existência desaparece.

Da mesma forma, Fausto escuta Mefisto e manifesta, em seu ser, características das trevas: a escuridão, a instabilidade, o pecado, o desejo, a carência/falta:

E com razão; tudo o que vem a ser  
É digno só de perecer;  
Seria, pois, melhor, nada a vir a ser mais.

Por isso, tudo a que chamais  
De destruição, pecado, o mal,  
Meu elemento é, integral.  
(GOETHE, 2017, p. 119).

Assim como Eutanázio, a performance de Mefisto na personagem Fausto denuncia a destruição e a desconstrução não somente de si mesmo, mas da sociedade. Goethe denuncia a transição do feudalismo para o capitalismo, marcado pela revolução francesa, a queda da nobreza e a ascensão da burguesia. Uma sociedade marcada pela aparência e pela distância entre pobres e ricos. Em *Fausto I*, no capítulo *A cozinha da bruxa*, observamos a representação da sociedade em transformação e suas inconsistências e incoerências sociais; o caldeirão é a própria sociedade em meio às mudanças sociopolíticas da época, “a violenta irrupção do irracionalismo, brutalizando o povo e trazendo consigo a onda de excessos” (MAZZARI, 2017, p. 193), entre elas, a ciência e a religião, levantadas por Mefistófeles em seu diálogo com a bruxa:

É velha e nova, amigo, a arte;  
Semear o erro em vez da verdade,  
Por três e um, e um e três, em toda a parte,  
Tem sido uso, e em qualquer idade.  
Assim leciona-se e se palra a gosto,  
A lidar com o bufão, quem estará disposto?  
E os homens, quando estão a ouvir frases de  
estilo,  
Pensam que deve haver o que pensar naquilo  
[...].  
(GOETHE, 2017, p. 211).

Fausto, após beber da taça com o feitiço realizado pela bruxa, é conduzido por Mefistófeles a fazer a experiência do excesso, algo que contraditoriamente lhe falta e o mergulha na experiência de negação dos excessos apresentados pela sociedade burguesa da época.

Vem, vem depressa, eu te conduzo;  
Terás de transpirar do mundo mais profuso,  
Para que dentro e fora a força vá atuando [...].  
(GOETHE, 2017, p. 213).

Entrar na cozinha da bruxa e provar de seu feitiço é evidenciar o “não ser” social, experimentar que o “ser” também pode ter força. O elemento mágico, no enredo, é mediador na relação consigo mesmo e oferece uma nova forma de perceber o mundo, fora das lentes da religião e do poder burguês e/ou monárquico. Contudo, esse contexto não se aplica à experiência de colonização observada na personagem Eutanázio, mas se relaciona à experiência da carência/falta da personagem Fausto, que diante das diferenças sociais e da dominação religiosa e política da época, mergulha nas ausências de si e de seu tempo na relação com Mefistófeles.

Na personagem Eutanázio, também encontramos o elemento mágico como forma de fugir da doença de si e do mundo, do sentimento de ódio e nojo e do desejo de transmitir o mal, livrando-o de todo tipo de mazela: “[...] depois de tudo imaginou ser levado por uma mulher de história encantada e fazer amor com ela no fundo do mar. Todos os peixes se admirariam de ver um homem magro e feio com uma sereia no fundo do mar [...]” (JURANDIR, 2019, p. 38).

A perdição de Eutanázio é conduzida na narrativa de forma que a retomada de si mesmo se dá pelos elementos que o constituem como homem amazônida, evidenciando um dos mitos: Iara, mulher que encanta o olhar de quem a espreita, conduzindo-o para um outro mundo, sem doenças, sem injustiças sociais, sem miséria, sem carências/falta.

### **3. GOETHE E DALCÍDIO JURANDIR: ESCRITORES DAS CARÊNCIAS/FALTAS**

Durante o período escolar, Eutanázio sentia terror de seu mestre que apresentava os autores clássicos reconhecidos na Europa, e somente quem os conhecia por suas obras era considerado alfabetizado. No contexto da obra, “ser alguém” significava ter o conhecimento erudito, leitura do canônico, portanto, somente os mais ricos podiam ter acesso à educação; mesmo assim, quem morava na região de Cachoeira, nas palavras de seu mestre, não poderia compreender alguns conceitos em razão da condição de ser

inferior, faltava-lhe a capacidade de pensar.

Sou intransigentíssimo. Em matéria de educação sou! Ouviram-me? Sou formado pela literatura clássica, conheço Aristóteles e Tomás de Aquino. Amanhã trazer-vos-ei a Suma Teológica e lerei alguns capítulos para que a vossa ignorância se esclareça! Vocês...Vós que não podeis conhecer a Lógica Formal! Não podeis jamais discernir o que significa uma premissa! Depois o estilo de Vieira, dum Bernardes, dum Sá de Miranda [...] Eutanázio ficava preso a um vago terror daqueles óculos gramaticais do mestre que apontava para o livro [...]. (JURANDIR, 2019, p. 50).

O terror de Eutanázio na infância e a brutalidade do mestre ao desconsiderar a cultura local e a capacidade de seus alunos formam um Eutanázio que busca seu próprio ser por meio do caos e daquilo que lhe é escasso. Na angústia em tocar seu próprio nada e suas carências/falta, revela-se um homem monstruoso, implacável na maldade, impiedoso em suas ações, um Mefisto.

[...] E quando viu o retrato do mestre no jornal por motivo de aniversário, pois o mestre era, além de professor, orador de várias sociedades beneficentes e recreativas, sócio da Associação dos Charadistas e crítico teatral, Eutanázio teve o cuidado de cortar-lhe os bigodes pontudos, de furar-lhe os olhos, depois tirar-lhe a cabeça e enterrar num formigueiro atrás da casa, ao pé dum abacateiro. Sentia grande alegria em imaginar que o formigueiro pudesse devorar a cabeça do mestre que lia o Dicionário de Moraes diante dos alunos. (JURANDIR, 2019, p. 50).

Em Goethe, a personagem Mefistófeles, em seu diálogo com a bruxa, denuncia a aristocracia que, em sua transição para o capitalismo, perdia a condição de viver nos castelos e, mesmo na miséria, continuava com o título da nobreza, posto que uma vez comprado não lhe era tirado. O brasão era símbolo de um título que não era obtido por meio da conquista de virtudes morais, mas por aquilo que se podia conquistar com o capital.

No livro das ficções de há muito está gravado;  
Mas, para os homens, sem proveito,  
O Gênio Mau se foi, mas os maus têm ficado.  
Sou cavalheiro como os mais, aliás;  
Podes chamar-me de Senhor Barão;  
De meu fidalgo sangue não duvidarás;  
Olha para cá, eis meu brasão!  
(GOETHE, 2017, p. 207).

Ambos autores, com personagens mergulhados no caos de si mesmos, solapados pela maldade e angústia existencial, experimentam o contato com o que Sartre e Dussel compreendem como o “não ser”, e Memmi (2007) e Bhabha (1998) denominam como carência ou falta, ou seja, o que não se conquistou, o que não se é.

As identidades de ambas personagens entram em contato com o “não ser” ou as carências/faltas de si. Na personagem Eutanázio, observamos a escassez orquestrada pelo eurocentrismo e o processo de colonização. Já na personagem Fausto, essa escassez é promovida pela religião, monarquia e os nobres; além disso, ela pode ser observada na relação de Fausto com Mefistófeles.

O movimento caótico em si mesmo, descolocando as personagens para suas próprias sombras e medos, é denunciante de uma realidade opressora e colonizadora; as sociedades de que tratam as narrativas estão dominadas e apresentam a tensão entre opressores/oprimidos, dominadores/dominados.

Eutanázio assim como Fausto mergulham no caos existencial, no espaço de carência de si mesmos, desfigurando e petrificando o humano e apresentando ao leitor o lado sombrio e obscuro da escassez. Essa atitude das personagens relaciona-se à negação sartreana, em que o ser para escapar de seus infortúnios recorre aos mecanismos primitivos: dentre eles a fobia. Para Sartre (2015), essa conduta deve ser encarada como passível de interpretação do próprio ser para que, superando-a conduza o ser a “olhar para si”, “para o outro” e para a realidade social.

Essa selvageria da negação do ser e encontro com seu lado primitivo podem ser encontrados em Eutanázio e, conforme Fanon (1968), esse é um movimento típico das relações entre colonizado



e colonizador. A fim de efetivar a dominação sobre o colonizado, o sujeito colonizador desfigura-o, transforma-o em um sujeito totalmente selvagem, diabólico, justificando, assim, seu poder e as atrocidades no processo de inferiorização do colonizado. A desfiguração e a diabolização também podem ser observadas em Fausto, ao mergulhar em suas carências/faltas, maximizadas pelo contexto sócio-político-cultural da época.

A crise, representada nas personagens Eutanázio e Fausto, pode ser compreendida como a tomada de consciência de sua condição em um estado de carência/falta, um estado primitivo e, ao mesmo tempo, apresenta, em meio à crise existencial, a retomada de si mesmo. Dessa forma, o movimento caótico presente nas narrativas de Goethe e Dalcídio aponta para a retomada da identidade do sujeito e, na personagem Eutanázio, pode ser compreendido como um movimento de descolonização, em que o “eu” ganha voz, provoca e contesta as atitudes colonizadoras.

Nessa perspectiva, compreendemos o nada como o espaço da carência/falta do ser onde é possível encontrar os elementos caóticos de si mesmo, o lado selvagem, monstruoso, fóbico, indicando esse processo como parte da transformação do sujeito, podendo ser sua descolonização e/ou ressignificação de sua história, rompendo com o domínio do poder colonizador/opressor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse contexto, podemos considerar a obra *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, e *Fausto I*, de Goethe, narrativas de contestação, e podem ser compreendidas no contexto da teoria dos estudos pós-coloniais, hoje, como narrativas descolonizadoras de si. Tal percepção se justifica em função da proximidade da perspectiva dos diferentes contextos das obras citadas, os quais, apesar da distância temporal, referendam personagens que existem no imaginário de lugares geo-historicamente distintos.

Os sentimentos de humanidade e o diabólico do ser encontram-se no perfil das distantes personagens, Fausto e Eutanázio, provando que a influência dos clássicos incide sobre a maioria dos

leitores/escritores, como a evidenciar que esses elementos podem ser considerados de circularidade de padrões socioeconômicos, político-culturais e religiosos que são mantidos em tempos e lugares diferentes. Um Fausto na Alemanha e um Eutanázio no Brasil, um autor europeu com obra contextualizada na Idade Média e outro na Amazônia nos idos de 1941 encontram-se.

A obra de Goethe retrata problemas sociais exclusivos da Europa, como as divergências das relações de poder entre Igreja e Estado, Igreja e conhecimento científico e as desigualdades sociais, provocando uma crise no sujeito, mergulhando-o no caos de si mesmo; diferentemente do caos vivido por Eutanázio, que tem, como gatilho de sua crise existencial, as experiências de colonização advindas da massacrante dominação europeia.

Para Bhabha (1998), assim como para Memmi (2007), o contato com a carência/falta do sujeito colonizado possibilita a retomada da própria identidade. A descolonização não é um processo linear na construção de si, ela exige adentrar os intervalos, promovendo um espaço que possibilita ao sujeito se reconhecer e afirmar sua diferença.

O caos compreendido nesse estudo como a carência/falta do sujeito desencadeia a crise, o contato com seu lado selvagem e primitivo, promovendo nas personagens Fausto e Eutanázio uma atitude contestadora mediante as relações de poder, tirando-os da invisibilidade de si e do outro, por meio do contato com suas ausências, superando inclusive, seus próprios medos, visto que o lado sombrio do ser é tocado na negação e carência do sujeito e superado em sua subversão ou, se quisermos, como afirma Bhabha (1998), na tradução de si mesmo.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliane Livia Reis e Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOËCHAT, Neide. *As máscaras do cogito: a interpretação da realidade humana pela ontologia fenomenológica de Jean-Paul*

Sartre. Rio de Janeiro: NAU, 2004.

BORNHEIM, Gerd. *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

DUSSEL, Enrique. *1942: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Conferências de Frankfurt. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis (RJ): Vozes, 1993.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Disponível em: [http://www.kilombagem.net.br/wp-content/uploads/2015/07/Os\\_condenados\\_da\\_Terra-Frantz-Fanon.pdf](http://www.kilombagem.net.br/wp-content/uploads/2015/07/Os_condenados_da_Terra-Frantz-Fanon.pdf). Acesso em: 2 fev. 2022.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto I*. [1832]. Tradução de Jenny Klabin Segall. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

JURANDIR, Dalcídio. [1941]. *Chove nos Campos de Cachoeira*. 8. ed. Bragança: Parágrafo Editora, 2019.

MAZZARI, Marcus Vinícius. O Assunto Fáustico. In: GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto I*. Tradução de Jenny Klabin Segall. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 7-26.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PARMÊNIDES. Fragmentos sobre a natureza. In: SOUZA, José Cavalcante de. (Seleção de textos e supervisão). *Os Pré-Socráticos*. Fragmentos, Doxografia e comentários. Tradução de José Cavalcante de Souza *et al.* São Paulo: Editora Nova Cultural, 2005. p. 117-138. Disponível em: [http://files.filosofia-com0.webnode.com/200000001-90f1191ea9/\\_Colecao\\_Os\\_Pensadores\\_\\_Vol\\_01.pdf/](http://files.filosofia-com0.webnode.com/200000001-90f1191ea9/_Colecao_Os_Pensadores__Vol_01.pdf/). Acesso em: 2 fev. 2022.

REALE, Giovanni; ANTISSEI, Dario. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1990. Vol. 1. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/reale-g-antiseri-d-historia-da-filosofia-vol-i.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.

SARTRE, Jean-Paul. [1943]. *O ser e o nada*. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. 24. ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2015.

VILLA, Dirceu. Introdução. In: MARLOWE, Christopher. *A história trágica do Doutor Fausto*. Tradução de A. de Oliveira Cabral. São Paulo: Hedra, 2006. p. 9-26.